



Aceito em: 13/02/2017

Recebido em: 04/01/2017

O EVANGELHO CHINÊS DE JESUS THE CHINESE GOSPEL OF JESUS

André Bueno¹

UERJ

<http://lattes.cnpq.br/4958851883736557>

Resumo: Neste breve trabalho, buscaremos apresentar a tradução de um dos textos fundamentais do Antigo Cristianismo Chinês, o 'Livro dos Ensinamentos de Deus'. Escrito durante a dinastia Tang, por missionários Nestorianos, esse texto é uma peça fundamental para entender as adaptações e assimilações que os cristãos praticaram para se inserirem na sociedade tradicional chinesa.

Palavras Chave: Cristianismo; Cristianismo na China; Nestorianismo; Evangelho; Sinologia

Abstract: In this brief work, we will try to present the translation of one of the fundamental texts of the Old Chinese Christianity, the 'Book of the Teachings of God'. Written during the Tang Dynasty by Nestorian missionaries, this text is a key piece to understand the adaptations and assimilations that Christians practiced to insert themselves into the traditional Chinese society.

Key words: Christianity; Christianity in China; Nestorianism; Gospel; Sinology

¹ Doutor em Filosofia pela UGF; Pós-Doutor em História pela UNIRIO; Prof. Adjunto de Antiguidade Oriental na UERJ.

Introdução

A história do Cristianismo na China é, ainda, um vasto explorado campo de pesquisas a ser explorado. Uma grande ênfase tem sido dada a questão cristã na contemporaneidade chinesa, e às perspectivas de conversão desta civilização pelas mais diversas denominações cristãs. (Liao, 2011). Todavia, o assunto é mais antigo do que se supõe, e necessita de um exame acurado. A compreensão da história cristã na China é, também, a busca de um entendimento sobre a estrutura do senso religioso chinês (Ching, 1979) e da formação de um Cristianismo Chinês legítimo, baseado numa série de adaptações feitas à mentalidade dessa cultura.

Pode-se dizer que a vinda dos cristãos para China deu-se em quatro movimentos fundamentais: na antiguidade tardia, em torno do século 7 EC, com a vinda de cristãos Nestorianos e síriacos; no século 13, com a chegada de missionários cristãos franciscanos na corte mongol (Silveira & Pintarelli, 2005); no século 16, com a entrada sistemática de missionários cristãos jesuítas (Braga, 1998); e por fim, a partir do século 19, com a dominação ocidental na Ásia e o estabelecimento de grupos cristãos nesse vasto território. Todavia, esses sucessivos movimentos (com exceção das duas últimas fases) não são cobertos por uma pesquisa mais ampla. A bibliografia produzida até agora é escassa, e em grande parte antiga. Alguns fatores históricos são responsáveis diretamente pela interrupção dessas pesquisas; o principal deles é o grande período de fechamento da China continental pelo governo Maoísta (1949-76), que praticamente paralisou as descobertas arqueológicas por décadas. Assim, foi somente num período recente que o interesse pela trajetória cristã na China se reacendeu, permitindo o surgimento de novas obras sobre o tema.

Em nosso breve artigo, nos deteremos no período da primeira leva cristã na China, quando missionários vindos do Próximo Oriente levaram suas doutrinas até a corte chinesa, fundando igrejas, redigindo textos em chinês e alcançando um relativo sucesso apostólico. Nosso tema principal, contudo, é apresentar a tradução do fragmento de um evangelho chinês, permitindo-nos uma análise do pensamento cristão chinês dessa época, suas assimilações e adaptações, ensejando assim a elaboração de um quadro mais amplo sobre a história cristã na China do período Tang 唐朝(618-907).

Historiografia

Para compreendermos o Cristianismo na época Tang precisamos, portanto, entender as razões que nos levam à diminuta relação de fontes e estudos disponíveis.

Foi somente em 1625 que os jesuítas encontram uma estela Nestoriana, e tiveram contato com uns poucos membros da comunidade Nestoriana que persistia na China do século 17. (Saeki, 1916) A descoberta – apesar de impactante – caiu, porém, no vazio. Os interesses dos missionários da época não contemplavam esse aspecto histórico, e o assunto foi deixado de lado. A obra do padre Huc (1858), um grande tratado sobre a história do Cristianismo na China, centra-se basicamente no período após o século 16, denotando claramente o conhecimento que se tinha da questão entre os sinólogos.

O tema só foi retomado com ênfase, séculos depois, depois das descobertas do complexo de cavernas de Dunhuang 敦煌 em 1904. Em 1906, o explorador francês Paul Pelliot retirou, de lá, uma coleção fundamental de textos, marcada pela grande diversidade de textos filosóficos e religiosos. Apesar de serem em sua maioria budistas, havia também textos daoístas, confucionistas e – algo bastante revelador na época – textos cristãos chineses. (Pelliot, 1920) Em seguida, ingleses, japoneses e chineses se interessaram em preservar o restante da vasta biblioteca de Dunhuang, espalhando seus textos em vários centros de estudo.

Por essa razão, os estudos sobre a história do Cristianismo na China Tang surgem, basicamente, na virada do século 20. Além de Pelliot (1906), as traduções de Saeki (1916 e 1935) e o trabalho referencial de Moule (1930) compõem o conjunto principal desses estudos. Alguns artigos esparsos complementavam essa promissora seara de estudos, que foi subitamente interrompida pela sucessão de conflitos que assolaram a China a partir de 1936, com a invasão nipônica. Com isso, todo e qualquer progresso nas escavações arqueológicas, na descoberta de novos materiais e na formação de debates acadêmicos se viu indefinidamente paralisado.

Somente na década de 90 que os estudos sobre o Cristianismo na China Tang foram retomados. A flexibilização do regime comunista permitiu um grande fluxo de pesquisadores aos sítios históricos, e uma renovada onda de estudos sobre o tema. O principal divulgador dessa vertente foi Martin Palmer, sinólogo britânico que publicou uma nova série de traduções intituladas *Os sutras perdidos de Jesus* (2001). Veremos que a escolha desse nome tem uma série de implicações problemáticas. Trata-se de uma pequena antologia dos principais fragmentos encontrados em Dunhuang, mas inseridos num novo quadro cronológico e material. Li Tang (2002) também publicou uma interpretação desses mesmos textos, numa abordagem mais acadêmica e completa, identificando questões lingüísticas e históricas importantes. Moore e Riegert (2003) fizeram uma abordagem simplificada desses textos, publicando algumas partes dos mesmos e construindo

uma obra de divulgação. Johnson (2008 e 2010) elaborou um trabalho atualizado de investigação na história cristã chinesa – mas sua abordagem, ligado a um discurso essencialmente proselitista, precisa ser lida com certos cuidados teóricos e metodológicos. Xinru Liu (1998) elaborou um quadro amplo e atualizado das religiosidades na Rota da Seda, permitindo uma interface mais aprofundada entre os movimentos religiosos Ocidente – Oriente. Por fim, contribuições mais recentes enriqueceram o quadro dos estudos sobre o Cristianismo na Ásia e na China, tais como Philip (1998), Charbonnier (2007), Bays (2010) e a série de volumes sobre Cristianismo na China da Brill Publishers (Standaert, 2008).

Esse leque de obras atualizadas nos permite, pois, recriar um panorama mais inteligível da chegada do Cristianismo na China do século 7 EC, e compreender o papel dos textos cristãos chineses na formação da igreja cristã no período Tang. Note-se a quase total e absoluta ausência de materiais em português sobre o tema, o que nos motivou sobremaneira na construção desse trabalho.

Contexto histórico

O período Tang 唐朝(618-907) é considerado uma das fases mais cosmopolitas da história chinesa (Lewis, 2012). A China tornara-se um pólo de atração para movimentos intelectuais e religiosos vindos das mais diversas partes do mundo – e com notável presença do mundo Mediterrâneo e Próximo Oriental. Cristãos, judeus, islâmicos, maniqueus, zoroastristas e mesmo pagãos vinham compor o quadro já complexo da religiosidade chinesa. O clima de abertura, tolerância e liberdade fora estabelecido pelo imperador Taizong 太宗 (598-649), em cujo entendimento a diversidade gerava debate, multiplicidade e evolução. Poderíamos nos deter nas possíveis implicações políticas dessa postura: de qualquer forma, porém, ela resultou num clima renovado de diálogo cultural. Antes disso, o império chinês havia convivido com matrizes religiosas legitimamente chinesas, e somente no século 4 EC o Budismo indiano havia se consolidado no país – assim mesmo, como uma série de adaptações.

Os chineses possuíam uma forma de religiosidade autóctone, conhecida como ‘Religião dos Espíritos’ (Shenjiao 神教). Tratava-se de uma forma religiosa evoluída diretamente dos tempos xamânicos, composta por um vasto sistema henoteísta, que incluía práticas mediúnicas e uma visão de vida pós-morte bem definida. (Bueno, 2010) No século 6 AEC, Confúcio 孔子(551 -479) e Laozi 老子(605 -531?) haviam proposto reinterpretações desse sistema; mas enquanto o primeiro se tornou uma doutrina política e educacional (o *Confucionismo* 儒學), cujo sistema

ético independia de crenças metafísicas, o segundo evoluiu para uma forma religiosa (o *Daoísmo* 道教) que incorporou a religiosidade nativa e a ampliou num grande conjunto de crenças e seitas.

A chegada do Budismo, que vinha migrando para a China desde o século 1 EC (Bueno, 2013), sofreu sucessivas adaptações e críticas até ser incorporado, de fato, as tradições chinesas em torno do século 4 EC. Mesmo assim, é difícil definir para nós, ocidentais, o que os chineses consideravam como 'religião'. A cultura chinesa não estava preocupada em distinguir claramente aquilo que poderíamos considerar como 'religioso' e 'filosófico'. Confucionistas, por exemplo, podiam acreditar no que quisessem, desde que não abandonassem seus princípios éticos. De fato, a dinastia Tang estabeleceu alguns limites entre as leis governamentais e as diversas doutrinas, que nos permitiriam classificar (mas não sem dificuldades) esse período como 'Ecumênico' ou 'Laico'. As críticas e debates existentes entre as correntes religiosas advinham dos modelos de vida que as mesmas propunham, e que podiam influenciar a continuidade da civilização chinesa.

A vinda dos cristãos

Em torno do século 7 EC, é anotada na documentação chinesa a primeira presença cristã no país. É provável que essas missões fossem, em sua maioria, formadas por cristãos Nestorianos, que escapavam dos conflitos entre a igreja ortodoxa oriental e as 'heresias'. Novamente, foi Taizong que as recebeu, como indicado na estela Nestoriana. (Saeki, 1916). Todavia, os soberanos seguintes não foram menos generosos com os cristãos. (Smith, 1971, p.194)

Esse Cristianismo chinês se autodenominava 'Religião da Luz' 景教 (Jingjiao), vinda de Daqin 大秦('Grande Qin', como os chineses chamavam o império romano). Não sabemos as razões pelas quais os cristãos adotaram esse título. Não sabemos, também, se foram somente os Nestorianos que chegaram até a China. É possível que outras escolas siríacas estivessem presentes no país. Todavia, o sucesso dos Nestorianos eclipsou (até agora) as evidências de outras correntes.

Os vestígios de que dispomos, presentes na documentação chinesa, nos dão conta, como vimos, de que sua aproximação com a corte foi gradualmente bem sucedida, permitindo que se fundassem várias igrejas no país – uma, inclusive, na capital Xian 西安 (ou, Chang An 長安)(Palmer, 2001: 29-54), cujo monumento principal, o pagode Daqin 大秦塔 ainda está de pé.

A figura central da presença Nestoriana é o padre Aluoben 阿羅本, que teria sido o fundador da igreja chinesa na primeira metade do século 7 EC. Sua presença foi anotada na estela cristã, redescoberta pelos jesuítas em 1625, revelando uma

ação missionária extensa e ativa desse religioso. A estela, produzida em 741 EC, comemorava cem anos de presença cristã no país. Essa inferência é possível; no *Evangelho chinês de Jesus* que apresentaremos, somos informados de que sua redação teria sido feita em 641 EC, com plena clareza de uma datação baseada na efeméride do nascimento do Messias. Assim, a posterior confecção da estela teria um caráter propagandístico e afirmativo, celebrando a presença secular cristã na China. (Smith, 1971:211-12)

O Cristianismo Chinês dos Nestorianos

Como sabemos, os Nestorianos constituíram um movimento cristão oriental, surgido em torno do século 4 EC, que posteriormente foi classificado como herético no Concílio de Calcedônia em 451 EC. As diferenças fundamentais do Nestorianismo com a igreja ortodoxa estavam centradas na concepção da natureza do Cristo, constituindo uma das muitas ‘heresias cristológicas’ desse período. Não nos estenderemos sobre esse tema em particular, sendo o Nestorianismo bem descrito em outros trabalhos. (Simões, 2009) O que nos interessa, aqui, foram as adaptações que os Nestorianos encetaram na doutrina cristã para que ela fosse bem recebida no mundo chinês.

Nossas fontes para essas especulações estão centradas nos textos achados em Dunhuang 敦煌, que nos mostram dois tipos de documentação: uma, que estaria ligada diretamente ao período de Aluoben, quando teriam sido redigidos os primeiros textos em chinês, e uma segunda, composta de textos litúrgicos, produzidos por nativos chineses.

Esses textos revelam que, desde o início, os missionários tiveram certas dificuldades em adaptar nomes e conceitos ao idioma chinês. Alguns dos termos presentes na documentação nos apontam o caminho das soluções encontradas:

- ‘Messias’彌師 (Mishi) adaptação fonética, sem correspondência conceitual.
- ‘Jesus’移鼠(Yushu), idem.
- ‘Deus’天尊 (Tianzun), ‘Venerável do Céu’, ‘Senhor do Céu’.
- ‘Espírito Santo’: 涼風 (Liang Feng), ‘Vento Suave, Puro’ (denominação chinesa) ou 聖神 (Shengshen), ‘Espírito sábio, sagrado’.

No entanto, a terminologia tornar-se-ia uma tarefa mais complicada. A ideia da trindade e do Espírito Santo, por exemplo, era razoavelmente estranha para a mentalidade chinesa. Nota-se, pois, que os cristãos Nestorianos não tiveram receio de empregar termos budistas e daoístas para explicar ideias cristãs. A encarnação

de Jesus, por exemplo, é explicada pela teoria budista da manifestação dos skandhas स्कन्ध ou kandhas खन्ध (em chinês, 蘊 yun), isto é, as cinco formas de manifestação física, que são forma material (रूप rupa), sentidos (वेदना vedana), percepção (सञ्चास sanna), mente (सङ्खार sankhara) e consciência (विज्ञाण vinnana) (Nyanatiloka, 1988:159-166). Palmer (2001:210-11) insiste que estava em curso a construção de uma espécie de Cristianismo daoísta; Smith (1971:210) preferiu identificar uma aproximação maior com o Budismo; ele nos informa, inclusive (1971:194) que é possível que os budistas tenham adotado o costume da missa pelos mortos com os cristãos.

Outra questão importante é o uso da palavra Dao 道(Caminho), cujo sentido polissêmico na língua chinesa permitia várias interpretações. Embora o Daoísmo tenha tentado se apropriar de seu uso, dando-lhe um caráter religioso, a palavra manteve os seus sentidos de ‘orientação’, ‘via’ ou ‘método’. Tal como todas as outras doutrinas, os cristãos usavam a palavra em seu sentido de ‘Caminho, Curso’, sem apontar qualquer relação com os daoístas. Parece-nos, pois, que a tentativa de aproximar o Cristianismo chinês do Daoísmo é uma projeção atual e relativamente equivocada.

O que estava em jogo era o desafio de expressar uma nova teoria religiosa para os chineses, por meio de conceitos já razoavelmente definidos. Contudo, observar uma tendência budista ou daoísta nos escritos cristãos é, também, desprover-lhes de autonomia. Os missionários cristãos deviam ser, no mínimo, bem qualificados, e com uma razoável domínio de idiomas diversos, tendo em vista a capacidade de transitar numa terminologia bastante específica. Além disso, os escritos cristãos mostram que eles também sabiam manipular conceitos Confucionistas – um elemento fundamental no diálogo com a sociedade chinesa.

Interfaces

Esse ponto é bastante importante em nossa análise. O Budismo passara por inúmeros percalços para se expandir no mundo chinês. O problema não era, apenas, o de constituir uma nova teoria religiosa, mas sim, de como ela poderia impactar na vida chinesa. Hanyu 韓愈 (768-824), importante intelectual da época Tang, escreveu uma profunda crítica contra o Budismo, pois entendia que era uma doutrina idólatra, e ameaçava as estruturas fundamentais de sua cultura. Nesse libelo contra a instalação de uma relíquia budista, Hanyu sintetizava sua visão do problema:

Mas o povo é ingênuo e tacanho, fácil de induzir em erro e persistente nas suas superstições. Se Vos vê agir como vos propondes fazê-lo, julgará por certo que tendes realmente a intenção de honrar o Buda. Não tardarão as pessoas em queimar a cabeça e os dedos em sinal de penitência, em despojar-se do seu vestuário, em oferecer o dinheiro que possuem, em reunir-se em bandos às centenas, e cada um, vendo o que fazem os outros, tratará de fazer o mesmo e de se atualizar. Os usos serão abolidos, os costumes negligenciados e tornar-nos-emos objeto de escárnio do mundo inteiro. (...) Venho suplicar a Vossa Majestade que mande devolver esse osso a quem de direito; que o atirem à água, que se extirpe para sempre a raiz de tais erros, a fim de cortar rapidamente os desvios do império e suprimir um tema de confusão para as gerações futuras. Assim, o império inteiro poderá conhecer o comportamento de um grande sábio, cuja visão se eleva acima do comum, a uma altura inconcebível. Só então, na verdade, tudo se restabelecerá, e poderemos todos regozijar-nos. Se o Buda possui um poder sobrenatural e pode provocar calamidades e exercer uma influência maléfica, rogo-lhe que todas as desgraças, todos os infortúnios que ele possa provocar recaiam inteiramente na minha pessoa: que o Céu seja testemunha do que digo: sofrê-lo-ei sem me arrepender. (Bueno, 2008)

A questão estava centrada nos modelos éticos de comportamento. O Confucionismo defendia uma visão naturalista da sexualidade, uma cultura de trabalho, e a família como núcleo fundamental da organização social. A perspectiva da morte privilegiava uma ênfase na vida ativa e realizadora, e não na questão de seu desdobramento metafísico. Textos fundamentais como o Daxue 大學(*O Grande Estudo*) apresentam uma sociedade idealmente hierarquizada, em que o funcionamento depende da organização dos grupos, dos espaços e de suas ações. Na visão desses letreados chineses, pois, o Budismo propunha, justamente, o desprendimento material, a valorização da inatividade e da meditação em detrimento do trabalho, uma aversão a sexualidade e uma suposta 'desestruturação familiar', além da controversa teoria dos renascimentos e transmigrações da alma (o ciclo cármico), que deslocavam os problemas existenciais para um continuum de reencarnações sucessivas, o que levaria – na visão desses mesmos pensadores – a uma destruição completa dos fundamentos de sua civilização. (Bueno, 2013:57-60)

Com ao passar do tempo, os budistas souberam transformar-se, construindo templos, elaborando rituais, métodos e conceitos que os aproximaram da população comum. Não foi, porém, um processo isento de conflitos (idem, p.60-63), mas na época Tang, o Budismo se encontrava assentado em bases mais sólidas. De fato, os críticos chineses dessa época se preocupavam, agora, com as

contradições desse ‘Budismo chinês’, que absorvia recursos estatais e tornara-se aparentemente numa doutrina superficial.

Por essas razões, um exame mais cuidadoso dos textos cristãos mostra que eles souberam aproveitar esses elementos em seu favor. Em muitos pontos, de fato, os Nestorianos souberam apresentar-se como uma religiosidade absolutamente compatível com as tradições chinesas. O Cristianismo surgia como uma doutrina comunitária, que respeitava a hierarquia política e social, que colocava os erros humanos no plano do ‘pecado’ (ou, dos ‘erros de intenção’), que privilegiava a simplicidade material, mas ao mesmo tempo, que valorizava o trabalho humilde e consciencioso, e por fim, que prometia um destino pós-morte otimista, em apenas uma existência, para aqueles que cumprissem um conjunto de regras de comportamento – regras que, em sua maioria, concordavam com os princípios básicos do pensamento chinês.

Pode-se dizer, portanto, que os cristãos haviam encontrado a chave para o sucesso de sua expansão no império chinês. A própria sobrevivência de seus textos numa isolada biblioteca budista, no meio do deserto, atestam que sua permanência não foi meramente acidental. A utilização de termos emprestados do Confucionismo, Daoísmo e Budismo não configurava, de fato, uma alteração essencial das ideias cristãs, mas sim, um conjunto de ajustes necessários ao diálogo intercultural. O relativo sucesso alcançado pelos mesmos demonstrou que sua perspectiva era acertada, garantindo-lhes também a preservação do espaço conquistado.

Desdobramentos históricos

Os Nestorianos alcançaram mais do que uma simples expansão; ao longo de sua existência na China, é possível mesmo que eles tenham alcançado a posição de interlocutores do império bizantino junto à corte chinesa, mantendo um relacionamento equilibrado e respeitoso com a igreja do Oriente.

Contudo, em 845 EC, o imperador Wuzong 武宗 (814-846) decretou uma vasta perseguição contra as diversas denominações religiosas existentes, finalizando um período de tolerância ampla. As razões para essa perseguição não parecem estar ligadas a questões fundamentalmente religiosas, mas sim, ao fato dos templos e mosteiros estarem drenando importantes recursos econômicos. Algumas comunidades budistas tornaram-se verdadeiros bancos, descharacterizando por completo seu papel religioso. As entidades ‘religiosas’ não pagavam impostos, e controlavam importantes fontes de renda e terras. Assim, a campanha elaborada por Wuzong vasculhou e expropriou uma vasta quantidade de recursos financeiros

desses grupos, e estendeu-se não somente aos budistas, mas também, aos judeus, islâmicos, cristãos, maniqueus e zoroastristas. Apenas os Daoístas foram poupadados – mesmo assim, seus templos e mosteiros foram, de certa forma, apropriados pelo Estado, perdendo sua autonomia e grande parte de sua representatividade frente a esses outros grupos. (Philip, 1998:125)

As comunidades cristãs foram pegas de roldão, mas não é impossível que elas estivessem praticando os mesmos erros dos budistas. Sua ação produtiva e original parece interromper-se nessa época. Nem de longe, porém, sua história estava encerrada. No século 13 EC, João de Montecorvino encontraria uma renovada igreja Nestoriana na China, que muito atrapalhou seu trabalho missionário; seus colegas estimavam que algo em torno de trinta mil Nestorianos habitavam na região da capital (Smith, 1971:212); e somente no século 17, após inúmeros episódios desgastantes, é que seus remanescentes aceitariam a conversão proposta pelos jesuítas.

Os textos Nestorianos

Como já temos dito, os fragmentos da literatura cristã chinesa que conhecemos dependem, até agora, das descobertas de Dunhuang. Com a retomada da arqueologia chinesa, não é improvável que novas descobertas possam ser feitas. Esses textos estão espalhados, principalmente, entre coleções francesas e japonesas. Um desses textos, o Zunjing 尊經 (*Livro dos Louvores*), informa que teriam sido traduzidos mais de trinta e cinco textos cristãos, incluindo o Pentateuco, salmos e epístolas paulinas. (Saeki, 1935-37:248-265). No entanto, apenas nove desses escritos, além da estela Nestoriana, foram encontrados até hoje; e todos eles são, sem exceção, textos produzidos na China.

Desses textos, escolhemos por apresentar a tradução do texto Shizun bushi lun disan 世尊布施論第三, ou *Livro dos Ensinamentos de Deus*. Não consideramos adequado o uso da terminologia ‘sutra’ 般若, que Martin Palmer escolheu, por dois motivos: primeiro, por entender que os textos cristãos não estavam diretamente conectados ao Budismo ou ao Daoísmo, como Palmer propõe. Embora eles usassem conceitos emprestados, preferimos propor que o uso dessa terminologia se pautava numa perspectiva de diálogo intercultural, baseada numa apropriação intencional, e não numa transformação das concepções cristãs essenciais. Em segundo lugar, entendemos que o recurso de utilizar o termo sutra, uma palavra Indiana utilizada para designar textos sapienciais na literatura budista e hinduísta, é na verdade um procedimento comum na percepção orientalista tradicional, que aproxima

elementos asiáticos diversos num processo homogenizador que os descaracteriza. Obviamente, esse recurso tornou-se um atrativo na divulgação de sua obra, e foi utilizado também por Reigert e Moore (2003). Na Wikipédia, na página ‘Jesus Sutras’ [em inglês], essa nomenclatura foi adotada e utilizada, embora com ressalvas. É relevante notar que Palmer atribui títulos aos textos que não correspondem, diretamente, ao original. Em sua visão, tais formulações atenderiam mais adequadamente ao propósito de explicitar o conteúdo dos textos.

O texto do *Livro dos Ensinamentos de Deus* parece se tratar de um fragmento de um evangelho maior, relatando a história e algumas passagens da vida de Jesus. A parte sobrevivente seria a sua terceira parte (disan 第三), que fecharia o texto. Alguns apontamentos, porém, são necessários. A versão em chinês não informa necessariamente ser parte de outra maior, ou se é parte de uma trilogia de textos autônomos; do mesmo modo, a apresentação em capítulos e versículos é uma inserção de Saeki, repetida por Palmer, mas que não se encontra no original. A ideia de que esse texto seria uma parte de outro maior se dá, também, em função de suas conexões com o texto de Mateus, capítulos 6 e 7, bem como da suposição de que sua fonte principal poderia ser o Evangelho de Taciano (Palmer, 2001:82-86 e 113). O Termo ‘Bushi’ 布施 é utilizado uma única vez como ‘Deus’; no entanto, esse era um termo caro ao Budismo, que o utilizava para designar ‘Buda’. Não sabemos se essa foi uma aproximação com os budistas ou, de início, um equívoco de tradução. Sua permanência, porém, assumia o risco de relacionar o Cristianismo e o Budismo, do qual provavelmente os Nestorianos estavam cientes.

Podemos aceitar sem problemas a conexão com o texto de Mateus; no entanto, observamos que ele é muito mais um referencial para os elementos apresentados do que, propriamente, uma tradução. Esse Evangelho chinês de Jesus, dentro da perspectiva de uma literatura sapiencial chinesa, é apresentado em trechos curtos, quase aforísticos. Ele não constitui uma narrativa longa, direta e precisa. Se o compararmos com os textos de sabedoria chinesa tradicional – como os *Diálogos* (Lunyu 論語) de Confúcio, ou o *Tratado do Caminho e da Virtude* (Daodejing 道德經) de Laozi, veremos que a estruturação do texto se aproxima bastante desse gênero.

Outro elemento importante na tradução, como indicamos, é o cuidado com o uso dos conceitos. Embora o texto incorpore termos próprios da linguagem chinesa, eles não podem ser entendidos necessariamente como uma deturpação da proposta cristã. Todavia, a adoção de certos termos e concepções implica, de fato, na

assimilação de algumas dessas ideias, provavelmente com o intuito de melhor expressar-se diante dessa cultura.

A tradução que apresentamos a seguir, enfim, foi cotejada com a de Palmer (2001). Optamos por colocar o texto em seqüência, sem a divisão de capítulos ou versículos. De modo a não criar volumosas notas de rodapé, inseriremos os comentários ao fim de cada trecho analisado, proporcionando uma leitura mais direta. Outrossim, por questões de espaço e escopo do texto, nos limitaremos a apresentar somente a tradução, deixando para ocasiões futuras as inferências e exegese adequadas a uma análise aprofundada do mesmo.

A tradução do Evangelho chinês de Jesus

O LIVRO DOS ENSINAMENTOS DE DEUS

Parte três

Shizun Bushi lun disan

世尊布施論第三

E Jesus disse: e se alguém dá esmola, que o faça para que somente Deus saiba. Não permita que sua mão esquerda saiba o que faz sua mão direita. Venera somente o Espírito Sagrado*, e não dê atenção aos outros. Ele se fará visível para você, e então poderás venerar somente a Ele.

*[Designação do Espírito Santo]

Não tenha dúvidas quando orar. Pede primeiro que suas ofensas sejam perdoadas, e perdoa aqueles que o ofenderam. O Senhor que está no Céu te perdoará, assim como perdoares os outros.

Se tens um tesouro, não o esconde debaixo da terra, onde pode enferrujar ou ser roubado. Ajunta seus tesouros no Céu, onde ele não pode ser roubado ou destruído.

As pessoas crêem que existem duas coisas importantes abaixo do Céu. A primeira é Deus, a segunda é o dinheiro. Se não tens dinheiro, não se pode comer ou vestir. Ficarás angustiado por sua família, assim como uma criança assaltada por ladrões; temerás por sua segurança.

Mas eu vos digo: buscai somente uma coisa. Existe apenas um Espírito Santo que a todos perdoa. Se você necessitar de comer ou se vestir, ele proverá. Não se preocupe com essas coisas. Ele sabe tudo de que necessitas. Se um de seus discípulos pede algo para Deus, lhe será concedido. Tudo pertence ao Espírito

Sagrado. Ele concede a todos, no momento de seu nascimento, uma alma divina e os cinco atributos*, e quando chega o momento, ele dá de comer, de beber e de vestir. O Espírito Sagrado não precisa de tais coisas. Observa os pássaros do campo: eles não plantam nem colhem, nem tampouco tem casa para morar. Eles não trabalham e, no entanto, recebem comida e bebida, e jamais se preocupam com o que se vestir, porque Ele se ocupa dessas coisas. És mais importante que os pássaros; então, com o que te preocupas?

*[Os kandhas indianos, aqui utilizados para designar o fenômeno de 'encarnação']

Conhece suas virtudes, trata bem aos demais, e atenta cuidadosamente aos seus erros. Zela pelo que há de melhor em ti, e corrige o que está errado. Fazer de outro modo seria como querer tirar um grão de areia do olho de alguém, sem tirar a viga de madeira que está em seu próprio. Primeiro, tira a haste em teu olho. Diga a verdade sempre, mas não a lance diretamente contra os ignorantes, pois eles não saberão entendê-la. Se assim o fizesse, não alcançaria nenhum benefício, e ainda os irritaria. Não sabes disso?

Pede a Ele, e receberás.

Bate na porta, e ela se abrirá.

Quem pede algo ao Espírito Sagrado, receberá. Bate a porta, e ela se abrirá, mas se não recebes o que deseja, ou se a porta não se abre, é porque seu pedido não é bom pra ti. Não importa com quanta força pedires; se for mau pra ti, ele não te concederá.

Se alguém pede comida ao seu pai, receberá. Mas se pede uma pedra, perde seu tempo. O Pai nunca dará algo que não seja bom para ti. Se pede um peixe, lhe será dado; mas se pede uma serpente, será envenenado. Por isso, tal pedido não será concedido.

Se as pessoas comuns fazem isso, como não faria também o Pai compassivo? Ele é o único que decide o que será e o que não será.

Duas coisas se podem aprender aqui. (Primeira) Os pais decidem o que é melhor para os filhos. (Segunda) Ele não decide sobre o que é sábio ou ignorante, mas sobre o que é correto ou não. Certo e Errado são inconciliáveis. Quem está acima, ajuda quem está embaixo. Se não recebes o que pediu, há uma boa razão para isso. Não se pode conceder coisas que não são boas pra ti.

Age com os outros como gostaria que agissem contigo; e faz aos outros o que gostaria que lhe fizessem.*

*[Aqui, a frase de Confúcio, disposta no Lunyu, é reaproveitada de forma direta]

Não siga o caminho do Mal; segue o caminho que leva a estrada real e aos portões do Céu. Poucos foram os que conseguiram isso. Muitos seguem pelo caminho mais fácil e cômodo, mas isso os levará as prisões da Terra.

Existirão aqueles que ensinarão o mau caminho, mas Bem e Mal devem manter-se separados. A Lei revelou isso. O Messias sabia de tudo isso, e assim procedeu. Fez brilhar sua própria luz durante três anos e seis meses. Não deixou de ensinar, e o mataram crucificando-o no alto. Havia um judeu que, sendo seu seguidor, voltou-se contra ele. O Messias previu sua morte três dias antes. Agora, aquele que desejar viver após a morte e ir ao Céu poderá consegui-lo. O sábio atuou pouco tempo para mostrar para as pessoas que elas deviam crer. Ele ensinou três anos e seis meses aquilo que se deve crer.

Os judeus o prenderam e ele se revelou a eles em realidade. Ele lhes disse: 'Eu sou o Messias'. Eles responderam: 'Como se atreve a dizer isso? Não és o Messias, o verdadeiro Messias! Estás louco, e deve ser preso. Como fazes isso?'. Então, ele foi para Belém. Isso se sucedeu nos tempos de César Augusto. Mas, ainda que César não o tivesse prendido, não poderia evitar sua morte. Ele foi preso, julgado de acordo com as leis de seu país, e crucificado no alto. Sendo condenado por essas leis, foi crucificado. César disse: 'vocês dizem que Ele deve morrer, de acordo com a lei, então digam qual é o crime'. Eles responderam: 'Quem pode dizer realmente que é O Escolhido? Isso tinha que acabar'.*

*[Aqui, o texto faz confusão entre a figura de César imperador e o governador Pilatos]

Enganos e erros desse tipo não são incomuns. Assim é a história. O primeiro homem é aquele de quem descendemos.* Nossas falhas não são as suas? Quem pode dizer 'eu sou o escolhido'? As pessoas não se confundiriam ao ouvir isso? O primeiro homem desobedeceu às ordens de Deus e comeu livremente. A consequência foi que esse ato mudou seu coração. Começou a crer que era tão capaz quanto o Senhor, tão iluminado como o escolhido. Por causa disto, ele se perdeu para sempre.

*[Nesse fragmento, ficamos sabendo da narração chinesa do mito Adâmico, a ser citado mais à frente]

Quem quer que diga ‘eu sou Deus’ deve morrer. O Messias não é Deus. Ao invés disso, foi através de sua pessoa que ele mostrou Deus. Ele mostrou sua abençoada mudança, e sabia disso tudo antes. O que aconteceu não vinha do homem, mas de Deus. Ele revelou o amor a todos que o rodeavam, e isso causou problemas. Mas o tentador* se opôs, causando querelas. Por isso Ele deixou seus ensinamentos.

*[Satanás]

Como um cordeiro que vai em silêncio para o sacrifício, assim também ele foi, sem proclamar o que havia feito, para sofrer em seu corpo o castigo da lei. E assim Ele sofreu, para que o erro de Adão fosse redimido graças ao seu sacrifício. E agora que seus cinco atributos foram apagados*, ele não morreu definitivamente, mas ressuscitou após a morte. Por isso, é possível que até aqueles que pecaram possam viver após a morte.

*[Novamente, a materialidade do corpo é explicada pela teoria dos Kandhas. É possível que seu emprego dissesse respeito a noção de constituição física presente entre esse grupos religiosos]

Graças às sagradas maravilhas do Messias, ninguém mais será um mero fantasma.* Por sua obra fomos salvos. Não é necessário grande esforço para recebê-lo, pois ele não te abandonará fraco ou desamparado, nem te privará de seu Qi.**

*[Aqueles que morrem, mas não recebem justiça ou os funerais devidos podem ficar vagueando pela terra, e a parte ‘animal’ de sua alma perambula no mundo dos vivos. São os fantasmas, Gui 鬼, da tradição chinesa]

*[Conceito eminentemente chinês, Qi 氣 significa energia convertida em matéria, alento vital]

Pela força da lei, ele foi posto ao alto* na data marcada. Nessa hora, houve tremores na terra, e as montanhas se partiram. As pedras rolaram, e a colina rachou em dois, por causa desse acontecimento sagrado. Os mortos benditos e virtuosos levantaram de suas tumbas, saíram a caminhar e foram vistos por muitos. Ele esteve com eles durante um mês e quatorze dias. Não passou um dia em que eles não o visitassem. Três dias haviam se passado desde o acontecimento sagrado. As pessoas não podiam ver na escuridão. Mas elas puderam ver e ouvir, quando o acontecimento sagrado abriu seus olhos e ouvidos. Graças ao Messias ter sido posto ao alto, nos foi concedido uma nova existência definitiva. Aconteceu, pois, tudo que estava escrito.

*[Crucificado]

Havia um homem que estava perto do messias. Ele servia a Deus e se chamava Yaoxi (José de Arimatéia). Era juiz da lei em seu país, e pediu seu cadáver. Envolveu-o em tecidos nobres e lhe conseguiu uma sepultura cavada na subida de uma montanha. Cobriu a entrada com uma grande rocha, e selou a tumba. Os judeus puseram ali alguns homens de guarda. Diziam: 'É dito que ele ressuscitará dentre os mortos em três dias. Tomem cuidado para que seus discípulos não venham buscar seu corpo. Não permitam que eles o roubem, e depois saiam dizendo por aí que ele voltou e está vivo!'.

Assim, os judeus colocaram guardas na frente da tumba durante três dias, vigiando atentamente. Entre os seguidores do Messias havia muitas mulheres, e foram elas que viram o seguinte: na tumba, erguia-se um ser imortal, coberto de vestes brancas como neve, que haviam sido enviadas por Deus. Ele apareceu aos guardas, depois de descer do Céu e ficar junto da rocha. Então, eles entraram na tumba, mas não puderam encontrar seu corpo. O ser imortal disse a eles que fossem dizer aos judeus o que haviam testemunhado. Os judeus ordenaram que elas mantivessem segredo sobre o que haviam visto, mas os guardas disseram o que Ele tinha feito; que o Messias havia ressuscitado dos mortos.

Algumas de suas seguidoras, obedecendo à lei, se aproximaram do lugar onde se encontrava a tumba. Um certo número de judeus também foi até lá, ao amanhecer do terceiro dia. A tumba encontrava-se inundada por uma luz brilhante, mas o Messias não estava ali. Então as mulheres comentaram com os outros discípulos o que elas haviam testemunhado. E assim como foi a primeira mulher a causadora da mentira da Humanidade, assim também foram as mulheres as primeiras que disseram a verdade sobre o que se sucedeu, mostrando que o Messias perdoava as mulheres e desejava que, no futuro, elas fossem tratadas de forma adequada; pois Ele mesmo apareceu e confirmou tudo que elas haviam dito.*

*[Notável defesa do gênero feminino, essa passagem do texto é significativa. Jesus aboliu o pecado original, como se afirma em outros textos do Cristianismo chinês. Por isso, não havia mais razões para um trato desigual]

Ele apareceu quando os discípulos estavam em oração, de maneira que primeiro os discípulos, e depois toda a gente, pode conhecer a verdade. Todos que viram isso saíram a falar sobre Ele.

Seus discípulos sabiam o que tinham que fazer. Ele lhes disse: 'Ide e ensinai a todos. Batizados com água, e assinalados com o sinal do Pai, do Filho e do Espírito Puro*, observem tudo quanto os ensinei. Sabei disso: eu estarei com vocês até o fim dos tempos'.

*[Junção do 'Vento Puro' e do 'Espírito Sagrado', denominando o Espírito Santo]

E foi revelado que o messias permaneceu aqui trinta dias depois de haver ressuscitado da terra. Ele ensinou: 'terei autoridade sobre todos os seres viventes, e por todos sereis compreendidos'. Prometeu que o Vento Puro* desceria do Céu sobre quantos o pedissem. Então ele foi visto em meio a uma luz brilhante, e depois regressou ao Céu. Um poderoso vento cheio de compaixão chegou e, pleno de amor, completou uma grande e sagrada transformação. Todos viram isso.

*[Novamente, o Espírito Santo se manifesta, mas como vento]

Mas os espíritos malignos buscaram realizar atos perversos, e de forma ardilosa atacaram tudo quanto havia sido concedido à Humanidade, derrubando e destruindo tudo quanto havia sido feito. Deus se afligiu com isso, e os espíritos malignos lançaram-se contra as gentes, causando sofrimentos terríveis e afastando-os de Deus.

No entanto, todos aqueles que tiverem fé se salvarão. E se carecem de fé, é porque os espíritos malignos nublaram sua visão. Mas todos podem alcançar a iluminação. A Lei Verdadeira é o Caminho dos que crêem. Assim, pois, não tenham medo, nem mesmo da morte, e vivam como o Messias viveu. Todos aqueles que crêem ressuscitarão, depois da morte, das Terras Amarelas.*

*[Nome do lugar pra onde iam os mortos na tradição chinesa; no caso do Cristianismo chinês, é difícil saber se é um espaço definido, ou um nome genérico. Esse conceito escapa a noção de Céu e Inferno, e portanto, deve ser interpretado, possivelmente, do modo metafórico]

Dez dias depois que o messias subiu ao Céu, enviou o Vento Puro sobre os seus discípulos. Do Céu, se contemplava a luz que o Vento Puro trazia aos seus discípulos. Ele caía sobre eles como fogo. Graças ao Vento Puro, eles foram inspirados para partir e espalhar a verdadeira fé para todos os lugares. Levaram os ensinamentos do Messias e ajudaram as pessoas a ver Deus, que havia enviado aquele que vem do Pai para descer do Céu.*

*[Importante notar que essa parte da narrativa inclui elementos dos Atos dos Apóstolos, ultrapassando a ideia de uma única fonte para a redação do texto chinês].

Esse foi O Santo, Aquele que sofreu por nós e nos trouxe a liberdade. Ele morreu, mas depois de três dias escapou das garras da morte, graças à vontade de Deus. Nunca antes se ouvira falar de tais coisas.

O mundo, em toda sua completude, foi Criado pelo messias. Antes dele, ninguém ouviu falar de alguém que morresse e retornasse a vida. Graças a sua Lei, todos podem reviver depois das Terras Amarelas, para uma vida eterna, após o julgamento. Porque todo aquele que vive será julgado.

Aqueles que aceitarem a palavra do Messias viverão em seu reino. Adora a Deus, e habitarás com o Messias e o Pai no Palácio Celeste. Será uma vida plena e feliz, que nada poderá destruir nem mudar. Aquele que foi enviado, foi enviado pelo Pai, que é Deus. Se não adorares a Deus, terminarás adorando os espíritos do Mal. Serás impuro e sujo, e acabará devorado na escuridão das prisões nas entradas da terra.* Dali não poderá mais regressar ao bom lugar, pois habitarás com o grande espírito do Mal.

*[Inferno]

Ele desceu do Céu e ensinou a verdadeira religião para nos iluminar, a fim de que a verdade pudesse prevalecer. Seus discípulos não eram simples homens, pois foram criados pelas bênçãos de Deus. Em nome do Messias, esses discípulos curaram e atenderam os enfermos.

O espírito do Grande Mal, chamado Batuo 拔脫*, que vive no que está morto, incitou o mundo contra os discípulos, e ensejou várias desgraças. Perseguiu-os por toda a face da terra; acossou os judeus; promoveu terríveis perseguições, mesmo contra as crianças e os velhos.

*[Do sânscrito Butha, nome de entidade demoníaca e fantasmagórica]

Belém fica na terra dos Judeus, isto é, no Ocidente, e nesta terra havia um rei que se opunha a verdade, dizendo que ele era o Senhor. Os judeus foram tomados, derrotados, muitos foram mortos e dispersados pelo mundo, e isso serviu para que aumentasse o número de discípulos do Messias. Todo aquele que afirmasse seguir e servir a Deus era atacado; mesmo assim, a maior parte seguia crendo no Messias.

A maioria dos discípulos do messias foi sacrificada (martirizada), e a nação dos judeus foi destruída. Mas muitos foram aqueles que continuaram o Caminho do Mestre, atingindo a iluminação e divulgando o verdadeiro caminho. Esse sagrado acontecimento se estendeu por toda a terra, e procedia de Deus. As pessoas precisavam apenas fazer o bem e evitar o mal. Deus desejava salvar a todos; e é isso que tem tentado todos os grandes reis e mestres religiosos.

Tanto em Belém quanto na Pérsia, seus seguidores foram mortos, e leis malévolas foram proclamadas contra eles. Quem protestasse era condenado. Aqueles que sobreviveram em Belém, isso foi graças à vontade e ajuda de Deus. O espírito do mal fez com que as pessoas acreditassesem em falsas divindades, mas Deus enviou o Messias. Deus conseguiu, assim, que sua vinda sagrada alcançasse todo o mundo. Deste modo, todas as coisas tornaram-se claras, e a falsidade desapareceu. E assim o Messias desceu do Céu. Esta manifestação física aconteceu há seiscentos e quarenta e um anos atrás, e agora todos crêem nele.* Todos podem testemunhar suas obras. Assim, as pessoas puderam aprender a salvar a si mesmas. Foi por isso que Deus enviou a todos os lugares o seu espírito poderoso, de modo que todos pudessem se salvar. Ele se dirigiu a todos os humanos e pregou a verdade. Isso é muito diferente do que fazem as outras divindades e espíritos.

*[Essa datação é fundamental para marcar a presença Cristã na China. Supõe-se que Aluoben tenha chegado ao país em 635]

O Messias escolheu como discípulos pessoas comuns. A verdadeira via é aquela que vem do Céu, e que ele ensinou. Sabeis isso: não é este o caminho dos reis nem dos grandes mestres. Eles escolhem seus discípulos entre os mais ricos e poderosos, e controlam as pessoas por meio de pessoas mesquinhas. O Messias segue a Lei Verdadeira da Oração e do Ritual (liturgia). Tudo será completado, e todos saberão que isso é tão somente o que deseja o Espírito Sagrado. Essa é a lei sagrada, que habita na grande casa do altíssimo. O espírito sagrado salvará todo aquele que quiser ser salvo. Se alma segue o caminho da Lei, retorna ao Céu, isto é; não enganar, não mentir, não fraudar, não trapacear nem cometer atos malignos. Esta é a Lei. Quem abandona o Caminho verdadeiro é pecador, e não segue a senda do Espírito Sagrado, trilhando um caminho falso. É possível retornar ao Caminho Verdadeiro, pois Deus pode levá-lo novamente a ele.

Não existe outro Caminho Verdadeiro que o homem possa seguir. Qualquer outro Caminho é falso. Seus seguidores estarão equivocados como aqueles que adoram o sol, a lua, as estrelas e os deuses do fogo. Adoram espíritos do mal, e irão para as terríveis prisões da terra. Isso acontece porque precisam ter mais fé.

Se não seguem o Espírito Sagrado, conviverão com os espíritos malignos, com fantasmas e outros habitantes do inferno. Isso se acha escrito nos textos extraídos dos ensinamentos da Verdadeira Lei do Espírito Sagrado.

Quando chega o momento em que a vida se conclui, os espíritos do mal se apoderam da pessoa, e do Céu descerá a justiça para que tudo seja revelado. Demonstrar-se-á todos os seus erros. Esta foi a razão pela qual o Espírito Sagrado encarnou e ensinou: ‘Eu sou o messias. Estarei convosco durante três anos e meio. Durante esses três anos e meio lutarei contra a perversidade dos malvados, e todos poderão ver isso com clareza’.

Existem aqueles que fazem o Bem; mas aqueles que não têm fé, não poderão enfrentar o juízo de Deus. Esses são os espíritos do mal. Eles são vigiados o tempo todo do Céu pelo Messias e pelo Espírito Sagrado. Quando chegar o fim do mundo, os mortos ressuscitarão, e serão julgados. Aqueles que crêem em meus ensinamentos, que pratiquem o bem, ajam virtuosamente, e firmem seus corações na trilha do Caminho Verdadeiro, irão para o Céu. Ali, serão felizes para todo o sempre.

Aqueles que conhecem o Caminho da Verdade do Espírito Sagrado, e que leram o bom livro, mas não seguem seus ensinamentos, esses habitarão com os fantasmas e os espíritos malignos nas prisões terrenas, e lá serão escravizados para todo o sempre. Lá, eles sofrerão o castigo do fogo, que os queimarão eternamente.

Escutem isso, vocês que desejam ser salvos! Sabeis que tudo o que ouviram é verdadeiro. Se existe alguém que não deseje receber essa graça, que pense em sua alma, seu corpo e em seu destino. Todo aquele que vá contra e não esteja de acordo com isso, será lançado nas prisões da terra, e habitará para sempre com espíritos do mal.

Fim

Referências Bibliográficas

- BAYS, Daniel. A New History of Christianity in China. Londres: John Wiley, 2011.
BRAGA, José. Os Jesuítas na Ásia. Macau: Fundação Macau, 1998.
BUENO, André. A evolução do pensamento religioso chinês. In BUENO, A. Em busca do Palácio Celeste. União da Vitória, 2010, p. 25-45.
BUENO, André. Buda, discípulo de Laozi: a controvérsia da “conversão dos bárbaros” e a recepção do budismo na China. Revista Brasileira de História das Religiões. ANPUH, n. 17, Setembro 2013, p.53-73.
BUENO, André. Cem textos de História Chinesa. União da Vitória, 2008. Disponível em: <http://chinologia.blogspot.com.br/2009/08/religiao.html>

- CHARBONNIER, Jean. Christians in China: A.D. 600 to 2000. São Francisco: Ignatius Press, 2007.
- CHING, Julia. O Senso religioso chinês. In BOFF, Leonardo et alli [orgs.] China e Cristianismo. Petrópolis: Vozes, 1979.
- HUC, Abbé. Christianity in China, Tartary and Thibet. Londres: Longman, 1857, 2 vols.
- JOHNSON, Dale. Asian Jesus in China. New Sinai Press, 2010.
- JOHNSON, Dale. Jesus on the Silk Road. New Sinai press, 2008.
- LEWIS, Mark *China's Cosmopolitan Empire: The Tang Dynasty*. Harvard: Harvard University Press, 2012.
- LI, Tang. A Study of the History of Nestorian Christianity in China and Its Literature in Chinese: Together with a New English Translation of the Dunhuang Nestorian Documents. Frankfurt: Peter Lang, 2003.
- LIAO, Yiwu. Deus é vermelho. São Paulo: Mundo Cristão, 2011.
- MOORE, Thomas & RIEGERT, Ray. The Lost Sutras of Jesus: Unlocking the Ancient Wisdom of the Xian Monks. Berkeley: Ulysses Press, 2003.
- MOULE, Arthur. Christians in China before the year 1550. Londres: Society for Promoting Christian Knowledge, 1930.
- NYANATILOKA. Buddhist Dictionary. Sri Lanka: Buddhist Publication Society, 1988.
- PALMER, Martin. The Jesus Sutras: Rediscovering the Lost Scrolls of Taoist Christianity. Califórnia: Ballantine, 2001.
- PELLIOT, Paul. 'Chrétiens d'Asia Centrale et d'Extrême Orient' in Toung Pao, v.1914, p. 628.
- PELLIOT, Paul. Les grottes de Touen-Houang. Paris: Paul Geuthner, 1920. 3 vols.
- PHILIP, T. East of the Euphrates- Early Christianity in Asia. Tiruvalla: Indian Society for Promoting Christian Knowledge, 1998.
- SAEKI, Yoshio. The Nestorian Documents and Relics in China. Tóquio: Maruzen, 1951. [original, 1935-37]
- SAEKI, Yoshio. *The Nestorian Monument in China*, London: Society for Promoting Christian Knowledge, 1916.
- SILVEIRA, Ildefonso & PINTARELLI, Ary [orgs.] Crônicas de viagem: franciscanos no Extremo Oriente antes de Marco Polo [1245-1350]. Porto Alegre/Bragança Paulista: EDUPUCRS/EDUSF, 2005.
- SIMÕES, Silvia. Bizâncio, Pérsia e Ásia Central, pólos de difusão do Nestorianismo. Aedos. Num. 5, vol. 2, Julho-Dezembro 2009.
- SMITH, D. Religiões chinesas. Lisboa: Arcádia, 1971.
- STANDAERT, N. Handbook of Christianity in China. Leiden: Brill, 2008. Vol.1
- WILFRED, Felix. The Oxford Handbook of Christianity in Asia. Oxford: Oxford University Press, 2014.
- XINRU, Liu. Silk and Religion: An Exploration of Material Life and the thought of people, 600-1200 AD. Oxford: Oxford University Press, 1998.